V CONGRESSO INTERNACIONAL DAS **LICENCIATURAS** COINTER - PDVL 2018

PRÁTICAS METODOLÓGICAS NA INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NO ENSINO DE BIOLOGIA/CIÊNCIAS

METHODOLOGICAL PRACTICES IN THE INCLUSION OF AUTISTS IN TEACHING BIOLOGY / SCIENCE

Apresentação: Comunicação Oral

Beatriz Alves Gomes¹; Wanderson Mateus Bispo da Silva²; Bruna Ananda Pereira Carvalho³;
José da Guia da Conceição Ferreira⁴; Mauricio dos Santos Araújo⁵

DOI: <https://doi.org/10.31692/2358-9728.VCOINTERPDVL.2018.00131>

Resumo

O presente estudo teve como objetivo avaliar a eficiência de um modelo didático utilizado no processo de inclusão de alunos autistas da escola pública U. E. Menino Jesus em Buriti Bravo-MA para a construção do conhecimento científico ligado a Biologia. O Autismo, chamado também de Transtorno do Espectro Autista (TEA) é conhecido como um transtorno de desenvolvimento, que tem como características três aspectos que ajudam no diagnóstico, a criança com Autismo têm dificuldade em se comunicar socialmente com outras pessoas; as relações de interação social são muito frágeis; e ela preserva ainda comportamentos bastante repetitivos, restringindo a sua convivência muitas vezes ao ambiente familiar (GRANDIN; PANEK, 2015). E por esse motivo recebe hoje uma classificação no DSM-5, como fazendo parte dos chamados Transtornos de Neurodesenvolvimento, podendo ser conhecido como (TEA) (APA, 2013). Desenvolvemos uma pesquisa de cunho quali-quantitativo, onde buscou-se por meio das visitas em uma escola de ensino público no município de Buriti Bravo - MA, conhecer de que forma os alunos com espectro autista são integrados ao ambiente de sala de aula, e com base nisso analisar se estava ocorrendo de fato a inclusão destes alunos. Para coleta de dados optamos por realizar a aplicação de questionários com questões abertas e fechadas. Após o período de observação, buscamos saber como os alunos enxergam o ambiente de sala de aula, analisando o contexto inclusivo, para determinarmos se na percepção dos alunos a sala de aula era um ambiente inclusivo ou não. E perguntamos como eles caracterizavam a escola, se consideravam inclusiva ou não, por meio das respostas pudemos inclusive observar o que os alunos entendiam como inclusão. As respostas comprovaram que havia uma taxa elevada de incerteza por parte dos alunos, onde apenas 22% considerou a escola como um ambiente inclusivo, 37% não sabia de que forma opinar, e 41% afirmaram que não, a escola que faziam parte não era inclusiva. Consideramos a experiência um exercício importante para a sensibilização tanto dos professores quanto dos alunos para a

¹ Licenciatura em Ciências Biológicas, IFPI, beatrizalves70@live.com

² Licenciatura em Ciências Biológicas, IFPI, wandersonmatheus42@gmail.com

³ Licenciatura em Ciências Biológicas, IFPI, brunaananda_carvalho@hotmail.com

⁴ Licenciatura em Ciências Biológicas, IFPI, josedaguia30@outlook.com

⁵ Mestrando em Genética e Melhoramento, UFPI, mauriciosanges11@hotmail.com

inclusão integral de alunos com qualquer tipo de necessidade especial, não apenas pela obrigatoriedade da lei, mas como ação de humanidade. Por isso, entende-se que cada indivíduo é único em sua essência e que a sociedade só perde quando o ser humano falha quando negligência a necessidade que todos tem em receber os mesmos direitos.

Palavras-Chave: Práticas Metodológicas, Ensino inclusivo, Processo de ensino-aprendizagem, materiais didáticos.

Abstract

The present study had as objective to evaluate the efficiency of a didactic model used in the process of inclusion of autistic students of public school U. E. Menino Jesus in Buriti Bravo-MA for the construction of scientific knowledge related to Biology. Autism, also called Autistic Spectrum Disorder (TEA) is known as a developmental disorder, which has three characteristics that help in the diagnosis; children with Autism have difficulty communicating socially with other people; the relations of social interaction are very fragile; and it still preserves quite repetitive behaviors, restricting their coexistence often to the family environment (GRANDIN, PANEK, 2015). This is why it is currently classified in DSM-5, as part of the so-called Neurodevelopmental Disorders, and can be known as (TEA) (APA, 2013). We developed a qualitative-quantitative research, where we sought out visits in a public school in the city of Buriti Bravo - MA, to know how students with autistic spectrum are integrated into the classroom environment, and based on this to analyze if the inclusion of these students was actually occurring. For data collection we opted to carry out the application of questionnaires with open and closed questions. After the observation period, we sought to know how the students see the classroom environment, analyzing the inclusive context, to determine if the students' perception of the classroom was an inclusive environment or not. And we asked them how they characterized the school, whether they considered it inclusive or not, through the answers we could even observe what the students understood as inclusion. The answers showed that there was a high rate of uncertainty on the part of the students, where only 22% considered the school as an inclusive environment, 37% did not know which way to think, and 41% said no, the school they were part of was not inclusive. We consider this experience to be an important exercise in raising the awareness of both teachers and students for the integral inclusion of students with any special need, not only for the obligatory nature of the law, but as an action of humanity. Therefore, it is understood that each individual is unique in its essence and that society only loses when the human being fails when he neglects the need that everyone has in receiving the same rights.

Keywords: Methodological Practices, Inclusive teaching, Teaching-learning process, teaching materials.

Introdução

O Autismo, denominado cientificamente como Transtorno do Espectro Autista (TEA) desde que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) adotou a nova nomenclatura após sua publicação, é caracterizado como um distúrbio do neurodesenvolvimento que compromete as interações sociais, a comunicação, causada muitas vezes por estresses recorrentes (LAURITSEN, 2013). O TEA faz parte do grupo dos Transtornos Globais de Desenvolvimento (TGDs), identificados como transtornos tipificados pelo espectro compartilhado que traz prejuízos para a qualidade de vida, interferindo na sua

interação, restringindo suas áreas de interesse e ainda provocando um comportamento atípico onde se valoriza muito a rotina fixa, com comportamentos repetitivos (BRENTANI et al., 2013).

As renovações trazidas pela quinta edição do DSM-5 não se restringiram apenas a parte de nomenclatura de algumas doenças como no caso do Autismo que foi adicionada ao TEA juntamente com a Síndrome de Asperger, mas também nos métodos para o diagnóstico, que conseguem identificar cada vez mais cedo características específicas do TEA (ROTTA et al., 2015). Hoje já se sabe que a cada 10.000 crianças que nascem pelo menos 05 nascem com o distúrbio, e que o sexo masculino são os mais afetados. Em alguns estudos já foram identificados a ocorrência de até 60 para cada 10.000, onde foi possível identificar uma elevação considerável nos índices da ocorrência (SILVA; MULICK, 2009).

Durante muito tempo a inclusão desses alunos na educação regular tem sido o centro das atenções de estudiosos e defensores da integração de todos aqueles com necessidades especiais. As metodologias de ensino quase sempre foram voltadas para o currículo tradicional dificultando assim o processo de aprendizagem. Os autistas apresentam dificuldade na interação social e a sua comunicação é prejudicada, apresenta ainda uma característica bastante peculiar para o ambiente de sala de aula. A criança com Autismo pode perder o interesse com muita facilidade, isso acontece por diversos motivos e o professor que não dispõe de uma metodologia de ensino que coloque o aluno como protagonista do seu processo de ensino-aprendizagem, identificando casos desse tipo, não conseguira proporcionar ao educando uma experiência de fato satisfatória para o seu aprendizado.

No ensino de Biologia/Ciências a utilização de modelos metodológicos específicos para a área é quase que inexistente, os professores têm dificuldade em repassar os conteúdos, não sabem muitas vezes como fazer para avaliar o aluno e não dispõe de ferramentas para que isso seja feito de forma igualitária para todos os alunos. E a falta de preparo do profissional do professor para trabalhar com o Autista impede que esse possa atender as suas individualidades, prejudicando o seu aprendizado.

A inclusão de alunos autistas no ensino regular ainda é de fato desafiadora, as políticas públicas vigentes não contemplam o quadro geral, para o ensino de aluno com TEA (TEODORO et al., 2016). É essencial que os professores busquem práticas inovadoras, estimule sua criatividade e busque métodos que facilitem a transmissão de conteúdo, seja por meio de materiais didáticos com foco no dinamismo e assimilação de conteúdo, que já é uma ferramenta muito usada, ou por meio de materiais digitais, quem tem a capacidade de alterar a forma com que os conteúdos são repassados e ainda recebidos, uma vertente que apresenta um

caminho promissor a ser explorado para que tanto o aluno quanto o professor sejam beneficiados.

O presente estudo teve como objetivo avaliar a eficiência de um modelo didático utilizado no processo de inclusão de alunos autistas da escola pública U. E. Menino Jesus em Buriti Bravo-MA para a construção do conhecimento científico ligado a Biologia.

Fundamentação Teórica

O Autismo, chamado também de (TEA) é conhecido como um transtorno de desenvolvimento, que tem como características três aspectos que ajudam no diagnóstico, a criança com Autismo têm dificuldade em se comunicar socialmente com outras pessoas; as relações de interação social são muito frágeis; e ela preserva ainda comportamentos bastante repetitivos, restringindo a sua convivência muitas vezes ao ambiente familiar (GRANDIN; PANEK, 2015). E por esse motivo recebe hoje uma classificação no DSM-5, como fazendo parte dos chamados Transtornos de Neurodesenvolvimento, podendo ser conhecido como (TEA) (APA, 2013).

Ao se pensar na inclusão de alunos com alguma deficiência como no caso do Autismo ou espectro autista, a falta de preparo de professores é sempre colocada em evidência, porém, na Lei Brasileira de Inclusão (LBI) com a Lei nº13.146, de 06 de julho de 2015, no seu capítulo IV ao falar da educação, nos diz que “todas as pessoas com deficiência devem ser asseguradas de uma educação de qualidade, dispondo de profissional de apoio escolar” (BRASIL, 2015). No desenvolvimento de atividades escolares e práticas integrativas no ambiente de sala de aula, é essencial que o professor esteja apto para explorar também as potencialidades de alunos com Autismo, considerando as suas dificuldades de interação com os demais colegas, o apego a rotinas, e o isolamento causado também pelo preconceito, e isso só pode ser superado quando o profissional está bem qualificado para atender esses alunos (SOUZA, 2016).

As escolas brasileiras de ensino público vêm sofrendo ao longo dos anos com a negligência das instâncias governamentais, diversos estudos mostram que são necessárias novas políticas de valorização da educação (SOUZA, 2017). O que se percebe é que em meio as propostas e metas a se alcançar todos os anos, a educação ainda é um dos setores que mais sofre, pois, a escola se tornou um ambiente onde se consegue identificar facilmente falhas estruturais consideráveis nos modelos de ensino, e ainda a falta de qualificação adequada, principalmente em cidades de pequeno porte, onde atender alunos com algum tipo de necessidade especial é viável (SANTOS et al, 2017). Os autistas em especial sofrem por não

conseguirem uma integração por completo, em alguns casos eles até são inseridos, mas não recebem um atendimento adequado, podendo se sentir excluído (PERES, 2015).

Na conjectura atual a qual está formatada a sociedade, discutir a inserção de alunos com diferentes tipos de deficiência já não é o suficiente para legitimar a entrada desses alunos no sistema de ensino regular, hoje a discussão gira em torno também de como garantir que além do acesso a sala de aula, os alunos tenham também as condições adequadas para que eles permaneçam e aprimorem seus conhecimentos, extraíndo do professor maiores índices de informação, dando suporte assim para um debate que tem como foco principal a garantia de qualidade no processo de ensino-aprendizagem. (NASCIMENTO; CRUZ, 2015).

Uma das alternativas que ganhou espaço foi a normatização do Atendimento Educacional Especializado (AEE), em períodos de contra turno, que objetiva basicamente acabar com as barreiras existentes entre os alunos com necessidades especiais e os conteúdos ministrados em sala de aula, possibilitando a participação em todo o processo de aprendizado, a proposta de levar os alunos para o contra turno e desenvolver outras atividades não anula a participação dos mesmos nas atividades da sala comum, mas serve de suporte para que os professores possam usar de recursos empregados que atraiam a atenção desses alunos. (BARBOSA; FUMES, 2017).

A importância do AEE é falada no Artigo 60 da Lei 9.394/96 em seu parágrafo único, onde é citado que o ensino regular deve estar em constante parceria com (AEE) para que o ensino de qualidade seja garantido. Os órgãos públicos devem adotar práticas educacionais que atendam os alunos com necessidades especiais de forma igualitária nas escolas de ensino regular (BRASIL, 1996).

Metodologia

Caracterização da amostra

O presente trabalho apresenta uma pesquisa de cunho quali-quantitativo, onde se buscou por meio das visitas em uma escola de ensino público no município de Buriti Bravo - MA, conhecer de que forma os alunos com espectro autista são integrados ao ambiente de sala de aula, e com base nisso analisar se estava ocorrendo de fato a inclusão destes alunos. As pesquisas voltadas para o método quali-quantitativo são recomendadas quando objetiva-se compreender os pontos de vista levantados pelos sujeitos investigados, buscando entender a raiz do seu pensamento, com caráter totalmente subjetivo, mas com a necessidade de quantificar outras informações importantes (ZANETTI, 2017).

Inicialmente buscou-se conhecer o ambiente escolar para desenvolvimento da

pesquisa, já sabíamos da existência dos alunos autistas por ter contato em outros momentos, nos reunimos com os professores da área de biologia e falamos sobre o foco do nosso estudo que foi analisar a efetividade dos modelos metodológicos empregados no contexto da inclusão de Autistas, através da percepção dos alunos da turma de (8º ano), que tinha 26 alunos. Durante a primeira semana realizou-se observações sobre: como era a postura dos professores envolvidos, como os alunos se comportavam, a reação causada pela presença de estranhos na sala de aula, como os alunos com autismo eram tratados, a metodologia de ensino empregada pelo professor.

Instrumento de Coleta de Dados

Para coleta de dados optamos por realizar a aplicação de questionários com questões abertas e fechadas, que foi realizada em dois momentos, no primeiro momento foi apresentado um questionário apenas com questões fechadas, para que pudéssemos dimensionar a efetividade da metodologia aplicada, após verificarmos os índices negativos levantados com os alunos, partimos para o segundo passo, inserir a temática inclusão na sala de aula e em seguida identificar as áreas de dificuldade dos alunos nos conteúdos que estavam sendo estudados, daí então criar materiais didáticos que pudessem ser usados pelos professores, como uma ferramenta de auxílio durante a aula, a aplicação do segundo questionário aconteceu na quarta semana onde buscamos observar se a utilização de materiais didáticos trouxe algum resultado positivo na visão dos alunos.

Criação dos Matérias Didáticos

Foram criados dois jogos, objetivando fixar os conteúdos, as regras se restringiam apenas a limitar o número de participantes por grupo, e que todos tinham que responder pelo menos uma vez, ao termino o grupo com mais acertos vencia, o primeiro sobre o sistema digestório, onde foi abordado o percurso realizado pelos alimentos, o que acontece com eles em cada processo e quais órgãos trabalham de forma direta ou indireta para que a digestão seja feita, e para o jogo desenvolvemos placas de identificação ilustradas com o desenho dos órgãos que tinham participação no processo digestivo, e fitas de descrevendo o papel de cada órgão na digestão. O segundo abordando o sistema cardiovascular, com foco no coração, nos vasos sanguíneos e no sangue, onde apresentamos por meio do programa *Power Point*, questões relacionadas a circulação do sangue, os modos de transporte, como os nutrientes são absorvidos pelo organismo e ainda a relação com o oxigênio, as perguntas tinham variação

entre verdadeiro ou falso, onde durante a resposta os alunos tinham de justificar a resposta de acordo com o que foi estudado. E propomos ainda parodias relacionadas aos conteúdos estudados, como forma de tornar a aula dinâmica e estimular a fixação dos conteúdos.

Ao termino, para avaliar se as práticas realizadas em sala surtiram algum efeito, foi apresentado o segundo questionário com algumas perguntas para os alunos, questões objetivas a respeito da abordagem metodológica, e subjetivas para saber como consideram a proposta de ensino. Para tabulação dos dados e criação dos gráficos aqui apresentados, utilizamos o programa *Office Excel da Microsoft*. Retiramos alguns trechos das respostas dos alunos que aqui serão transcritos e identificados com o codinome “aluno” seguido de numeração, ex: aluno-01, 02, 03.

Resultados e Discussão

Após o período de observação, buscamos saber como os alunos enxergam o ambiente de sala de aula, analisando o contexto inclusivo, para determinarmos se na percepção dos alunos a sala de aula era um ambiente inclusivo ou não. E perguntamos como eles caracterizavam a escola, se consideravam inclusiva ou não, por meio das respostas pudemos inclusive observar o que os alunos entendiam como inclusão. As respostas comprovaram que havia uma taxa elevada de incerteza por parte dos alunos, onde apenas 22% considerou a escola como um ambiente inclusivo, 37% não sabia de que forma opinar, e 41% afirmaram que não, a escola que faziam parte não era inclusiva (Figura 1). A falta de conhecimento a respeito da escola como espaço de inclusão é atualmente a principal barreira enfrentada pelos profissionais da educação que obrigatoriamente tem o dever de propiciar o acesso à educação de alto nível (MAGALHÃES; SOARES, 2016).

Figura 1: Caracterização da escola como ambiente inclusivo. Fonte: Própria

Com base nos resultados apresentados buscamos expor os conceitos de inclusão defendidos por alguns estudiosos, criando situações hipotéticas que permitissem que os alunos

pudessem visualiza-las de acordo com a realidade de cada um, ressaltando a importância de ações inclusivas, permitindo assim que o educando no ambiente de sala de aula desenvolva o senso crítico e aptidão para o exercício da cidadania. A ideia de que o indivíduo deve pensar no coletivo é defendida desde início da humanidade, porém, durante muito tempo não existia espaço para que se pudesse discutir de forma abrangente temática em torno da inclusão (DE-LIMA, 2016). Os alunos ao pensarem em inclusão no ambiente escolar muitas vezes consideram apenas a inserção sem entender a importância das atividades realizadas, com isso os modelos metodológicos não contemplam a inclusão em todos os seus aspectos (MATISKEI, 2004).

A partir das atividades propostas foi desenvolvido então materiais didáticos que se basearam nas áreas de interesse dos alunos, os jogos foram usados durante o estudo dos conteúdos pôr 04 encontros, e ainda criados momentos de interação e dinamismo com o auxílio de paródias, para assim auxiliar o professor em alguns conteúdos, considerados conteúdos chave para a disciplina, ao decorrer de 04 semanas na realização das atividades foi observado que aos poucos o ambiente de sala de aula se tornava mais harmonioso, com troca continua de conhecimento, e ainda com a participação dos alunos mais efetiva, os alunos autistas em especial preservavam algumas características peculiares, mas já não se encontravam isolados como antes, o que foi observado também pelos professores, que acabaram levando está discussão para fora da sala de aula, buscando trazer uma visão interdisciplinar, e gerar nos outros profissionais da escola a consciência social que o profissional da educação deve ter, não só no desenvolvimento de criticidade, mas também por desempenhar o papel de formar indivíduos, tornando a iniciativa um projeto para além da disciplina.

Perguntamos os alunos de que maneira eles enxergavam o Autismo, e se em casa havia algum tipo de conversa sobre esse tema. A maioria dos alunos reportaram não ter conhecimento sobre o que era de fato o Autismo, citando que na escola quase não se falava sobre o assunto, e por isso só sabiam que era uma doença em que as pessoas gostavam de ficar sozinhas, e que se irritavam com muito barulho e bagunça, sobre discutir em casa falaram que isso nunca tinha sido tema de conversa, há não ser pelo aluno-06 que diz *“Em casa falei que o ***** tinha tido um ataque por causa dos alunos da outra sala que ia lá no recreio e ficavam mangando dele, e ele ficou zangado e ficava gritando, até que foi pra diretoria, e mãe disse pra eu manter distância e deixar ele no canto dele”*, o aluno-17 por outro lado comentou que *“quando soube do menino autista fui pesquisar na internet, pra conhecer o que causa o Autismo, e como lidar com autistas”*. É possível observar que

mesmos em contextos diferentes há uma necessidade de a escola investigada proporcionar palestras e momentos de conversas, para que os alunos tenham acesso as informações necessárias. Cunha (2014), diz que o professor deve sempre olhar pro seu interior e enxergar os conhecimentos que adquiriu ao longo do processo formativo, e assim relacionar a teoria que recebeu com suas práticas vivenciadas no dia a dia, buscando criar com seus alunos uma relação de afeto que unida ao processo de ensino-aprendizagem.

Perguntamos ainda como os alunos consideravam o papel do professor na sua formação? E se os professores da disciplina estavam contribuindo para a sua formação com relação a prepara-los para que todos estejam aptos para tornar a sociedade melhor. Os alunos-09-13 consideram que os professores têm por função ensinar os conteúdos de acordo com suas áreas de formação, e que as questões de formação moral e cidadã é dever da família e do próprio indivíduo. Contraponto tais afirmações o aluno-04 diz que *“o papel do professor é ajudar a gente a trilhar o melhor caminho de acordo com a nossa necessidade, mostrando que para viver em sociedade precisamos saber viver. E a sociedade só vai se torna melhor quando as pessoas deixarem de se olhar como diferentes e passarem a se ver como iguais”*. Segundo Gómez e Terán (2014) a segregação de qualquer indivíduo só gera um efeito negativo sobre o meio em que ocorre tal situação, e que no caso de autista isso só intensifica os seus sintomas, então as restrições na educação devem ser evitadas, mesmo com aqueles que tem necessidades especiais.

A respeito do modelo metodológico de abordagem que foi adotado, os resultados mostraram que os alunos consideram uma abordagem positiva em sua maioria. As propostas interventivas para o melhoramento da qualidade de ensino são sempre bem-vindas, para que a escola seja um ambiente totalmente inclusivo, é preciso olhar os alunos com mais atenção, e fazer um esforço coletivo para que as necessidades individuais sejam atendidas (RODRIGUES et al., 2017).

Com relação a abordagem metodológica através das utilizações de jogos e atividades dinâmicas, os alunos em sua maioria consideram um método positivo, que pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, como mostrado na figura 2.

Figura 2: Abordagem metodológica com uso de jogos e atividades dinâmicas. Fonte: Própria

Os alunos consideram que aulas que utilizam recursos pedagógicos como jogos, atividades dinâmicas, apresentações que aproximem o professor da turma, são mecanismos importantes para o processo de aprendizado. E que o trabalho apresentado trouxe benefícios para a sala de aula, onde a abordagem metodológica inclusiva é vista como uma alternativa para atrair os alunos, e gerar de fato a integração de todos. Em concordância com Sartoretto e Bersch (2010), que corrobora com a afirmativa, dizendo que a utilizando de recursos pedagógicos oportuniza consideravelmente a comunicação entre o educador e o educando, favorecendo assim o processo inclusivo.

Conclusões

Consideramos a experiência um exercício importante para a sensibilização tanto dos professores quanto dos alunos para a inclusão integral de alunos com qualquer tipo de necessidade especial, não apenas pela obrigatoriedade da lei, mas como ação de humanidade. Por isso, entende-se que cada indivíduo é único em sua essência e que a sociedade só perde quando o ser humano falha quando negligência a necessidade que todos tem em receber os mesmos direitos. Portanto, a busca por metodologias de ensino inclusivas são uma ferramenta indispensável nas mãos de quem decide usá-las com sabedoria, mas entendemos que só a consciência de cada um pode realmente mudar o cenário atual, não se pode esperar que as coisas mudem permanecendo em inércia.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: DSM-5. Associação Americana de Psiquiatria. **DSM-V - Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**, 2013.

ALVES MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais**: pesquisa qualitativa e quantitativa, São Paulo: Pioneira, 1999.

BARBOSA, M. O.; FUMES, N. L. F. Atividade docente e reflexões no atendimento

educacional especializado para estudantes com transtorno do espectro autista. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 14, n. 35, p. 169-193, 2017.

BRASIL. Lei nº13.146, de 06 de Julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão de Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em 17 de setembro de 2018.

BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDBEN (Lei nº9.394/96, de 20 de dezembro de 1996). 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 06 de outubro de 2018

BRENTANI, H., PAULA, C. S. D., BORDINI, D., ROLIM, D., SATO, F., PORTOLESE, J., PACÍFICO, M.C., & MCCracken, J. T. Autism spectrum disorders: an overview on diagnosis and treatment. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 35, n. 1, p. 62-72, 2013.

DE-LIMA, T. B. EDUCAÇÃO INCLUSIVA: verdades e utopias no ensino fundamental. **Encontro Alagoano de Educação Inclusiva**, v. 1, n. 1, 2016.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2014.

GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo**. São Paulo: Ed. Grupo Cultural, 2014.

GRANDIN, T; PANEK, R. **O Cérebro Autista – Pensando através do Espectro**. São Paulo: Editora Record, 2015.

LAURITSEN, M. B. Autism spectrum disorders. **European Child & Adolescent Psychiatry**, v. 22, n. 1, p. 37-42, 2013.

MAGALHÃES, R. C. B. P.; SOARES, M. T. N. Currículo escolar e deficiência: contribuições a partir da pesquisa-ação colaborativo-crítica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 162, p. 1124-1147, 2016.

MATISKEI, A. C. R. M. Políticas públicas de inclusão educacional: desafios e perspectivas. **Educar em revista**, v. 20, n. 23, p. 185-202, 2004.

NASCIMENTO, F. F.; CRUZ, M. L. R. M. Da realidade à inclusão: uma investigação acerca da aprendizagem e do desenvolvimento do/a aluno/a com transtornos do espectro autista–TEA nas séries iniciais do I segmento do ensino fundamental. **Revista Polyphonia**, v. 25, n. 2, p. 51-66, 2015.

PERES, A. P. Inclusão de educandos com transtorno do espectro autista (TEA) no ensino regular: uma abordagem mediada pelas TIC’S. 2015.

RODRIGUES, J. F. et al. As adequações curriculares para a educação inclusiva através do Projeto Político Pedagógico da Escola. **PROJEÇÃO E DOCÊNCIA**, v. 8, n. 1, p. 46-58, 2017.

ROTTA, N. T; OHLWEILER, L; DOS SANTOS RIESGO, R. **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2015.

SANTOS, M. P; DINIZ, C. N; FERNANDES, E. M. ACESSIBILIDADE INFORMACIONAL PARA USUÁRIOS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUSTISTA NA BIBLIOTECA. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação-FEBAB**. v. 26 (2017): XXVII CBBB, Fortaleza. 2017.

SARTORETTO, M. L.; BERSCH, R. C. R. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa1. In: **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: recursos pedagógicos acessíveis e comunicação aumentativa e alternativa**, 2010.

SOUZA, T. A. Conhecer e interagir: transtorno de déficit de atenção e hiperatividade e transtorno do espectro autista. 2016.

SOUZA, Â. R. "As teorias da gestão escolar e sua influência nas escolas públicas brasileiras." **Revista de Estudios Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa**, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2017.

ZANETTI, M. S. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. **Educar em Revista**, n. 65, p. 149-166, 2017.